



ARTIGOS – ARTICLES

**A trajetória intelectual de Mário Neme
em São Paulo (1930-1960)**

Tathianni Cristini da Silva¹

Universidade Metropolitana de Santos

tathianni@gmail.com

Como citar este artigo: SILVA, T. C. da. A trajetória intelectual de Mário Neme em São Paulo (1930-1960), *Intelligere, Revista de História Intelectual*, nº17, p. 73-102, 2024. Disponível em <<http://revistas.usp.br/revistaintelligere>>. Acesso em dd/mm/aaaa.

Resumo: Este artigo apresenta e discute a trajetória intelectual de Mário Neme em sua construção enquanto intelectual polígrafo no decorrer de sua fixação e estabelecimento na cidade de São Paulo, durante as décadas de 1930 até 1960. Neste período, o intelectual tornou-se funcionário público, escreveu para jornais, produziu contos, realizou pesquisas históricas e compôs a rede de intelectuais que discutia a formação histórica do estado e do país. Esta investigação, objetiva compreender a formação empírica e a rede de sociabilidade vivenciadas por Neme, e o impacto nos trabalhos executados por ele. Para a escrita deste texto, realizei pesquisa em periódicos, fontes literárias e documentos de instituições como Arquivo Histórico Municipal de São Paulo, Centro de Documentação do Museu Paulista, entre outros. São discutidos conceitos e contextos a partir de alguns autores como Sirinelli (2003), Lahuerta (1999), Darnton (2001), Miceli (2008), entre outros pesquisadores que discutem temas aqui tratados. Pretende-se assim, analisar uma fração da vida do autor em que sua formação e inquietações são latentes e demonstram a riqueza da vida cultural daquele momento histórico.

Palavras-chave: Mário Neme. Trajetória intelectual. Intelectual polígrafo. São Paulo. Rede de sociabilidade.

¹ Tathianni Cristini da Silva é Doutora em História Social e Pós-doutorado pela Universidade de São Paulo/USP. Atualmente é professora nos cursos de História e Pedagogia da Universidade Metropolitana de Santos/UNIMES. <https://orcid.org/0000-0002-7469-9868> e <http://lattes.cnpq.br/4054180273718563>

The intellectual career of Mário Neme in São Paulo (1930-1960)

Abstract: This article presents and discusses the intellectual trajectory of Mário Neme in his construction as a polygraph intellectual during his residence in the city of São Paulo from the 1930s to the 1960s. During this period, he became a civil servant, wrote for newspapers, produced short stories, carried out historical research and was part of a network of intellectuals who discussed the historical formation of the state and the country. This research aims to understand the empirical training and network of sociability experienced by Neme and its impact on his work. For this article, I researched periodicals, literary sources and documents from institutions such as the Municipal Historical Archive of São Paulo, the Documentation Center of the Paulista Museum, among others. Concepts and contexts are discussed on the basis of some authors such as Sirinelli (2003), Lahuerta (1999), Darnton (2001), Miceli (2008), among other researchers who discuss the issues dealt with here. The aim is to analyze a fraction of the author's life in which his formation and concerns are latent and demonstrate the richness of the cultural life of that historical moment.

Keywords: Mário Neme. Intellectual career. Intellectual polygraph. São Paulo. Sociability network.

...
*Mas vêm o tempo e a ideia de passado
visitar-te na curva de um jardim.*

...
*E depois das memórias vem o tempo
trazer novo sortimento de memórias,
até que, fatigado, te recuses
e não saibas se a vida é ou foi.*

...
Carlos Drummond de Andrade (2012, p. 39).

Introdução

Neste artigo, é apresentado o jovem Mário Neme e sua fixação na cidade de São Paulo, momento em que ocorre sua formação enquanto intelectual. Para tanto, buscar-se-á traçar sua trajetória profissional que demonstra, como se verá, um intelectual determinado e coerente com seus ideais, expressos em seus escritos. Neme escreveu para diversos periódicos, durante o tempo em que atuava também como funcionário público, como grande parte dos intelectuais do período. Significativamente, neste período de formação o intelectual já estava

envolvido com os principais eventos políticos e culturais locais, num trabalho de criação de associações e museus ou em sua atividade em órgãos como a Revista do Arquivo Municipal.

Mario Abdo Neme nasceu em Piracicaba, interior paulista, em 02 de maio de 1912. Seus pais Abdo Neme e Missera Miguel Neme eram de ascendência libanesa. Frequentou diversas escolas², mas não concluiu curso superior. Foi bedel na Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, e em 1931 foi aprovado como Guarda-livros prático no Ginásio Municipal de Limeira. Desde muito jovem dedicou-se ao jornalismo, sob o pseudônimo de Dr. Salim, em jornais como Gazeta de Piracicaba e O Momento. Aos 24 anos, mudou-se para a capital e passou a trabalhar em periódicos como Jornal da Manhã, Última Hora, O Correio de São Paulo e, por fim em O Estado de São Paulo, no qual permaneceu por toda sua vida, compondo a famosa "Turma de Piracicaba" que agitou e produziu o jornal durante um longo período.³

Desde antes de sua chegada à São Paulo, quando estava em Piracicaba, surgem as primeiras notícias do jovem Mário Neme, militante no então Partido Constitucionalista⁴, em 1934. Seu nome consta de duas listas⁵ de acadêmicos da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, que discursaram pelo interior do estado em comícios pelo partido. Dessas reuniões nasceu o *Grêmio Estudantino do Partido Constitucionalista* no interior do estado, primeira referência de associação ao qual Neme esteve envolvido, desde sua criação, militando politicamente. Cumpre ressaltar que embora conste como aluno da referida escola, Mário Neme não concluiu sua formação acadêmica⁶.

² Segundo Samuel Pfromm Netto, Neme fez o curso primário no Grupo Escolar Morais de Barros, frequentou o Ateneu Piracicabano, a Escola de Comércio Morais de Barros e a Escola de Comércio Cristóvão Colombo.

³ Cf. (ELIAS, 1977/1978; PFROMM NETO, 2001).

⁴ Segundo Carolina Soares Sousa, “poucos meses após sua posse, Armando de Salles Oliveira funda o Partido Constitucionalista, que nasceu composto pela Ação Nacional, a Federação dos Voluntários e o Partido Democrático. O partido congregava elementos da antiga situação (o PRP), e os “pioneiros” do voto secreto (PD). A esse núcleo imediatamente se aliaram grandes forças da sociedade paulista que antes não se envolviam em competições políticas. (OESP, 16/09/1934). Ao se fundir ao novo partido, a Ação Nacional termina por efetivar a cisão dentro do PRP O “velho partido” perde o prestígio que passa a ser conferido ao Partido Constitucionalista, pois atuava na ala moça, políticos de expressão como Alcântara Machado e Abelardo Vergueiro César” (2010, p. 04).

⁵ O Estado de S. Paulo de 26/07/1934, p. 05, e a edição de 31/07/1934, p. 11.

⁶ Conta, também, que Mário Neme teria abandonado o Ginásio Municipal de Limeira.

Por outro lado, esse era o tempo em que a produção universitária se afirmava no país, assim como em São Paulo, com a criação da USP. No decorrer dos anos 1930⁷, segundo diferentes autores, São Paulo e Rio de Janeiro concentrariam em si polos opostos de compreensão e atuação dos diversos grupos de intelectuais. Os intelectuais do Rio de Janeiro, então Distrito Federal, possuiriam uma maior proximidade com a política e com os programas de reformas nacionais por estarem junto ao poder central; do outro lado estaria São Paulo, em que ocorreria a profissionalização do trabalho intelectual e seu fortalecimento. Assim, "num modelo prevaleceria a ênfase na intervenção pública como critério para definir o intelectual; no outro, a ênfase recairia na profissionalização e na construção de padrões de excelência acadêmica e científica" (LAHUERTA, 1999, p. 09).

Neste contexto, a *trajetória intelectual* de Mário Neme nos mostra que esse processo de transição entre a fixação da universidade e os escritos dos intelectuais autodidatas foi bastante complexo, e esteve longe de seguir um percurso linear. Neme esteve na maior parte de sua carreira ligado a intelectuais renomados, que já eram reconhecidos quando a universidade foi criada e não possuíam relação direta com esta. Provavelmente, por sua postura ativa, mas não preocupada em ocupar o centro da cena nas discussões, e, por outro lado, por revelar-se interessado em dialogar com estes intelectuais e construir mecanismos que favorecessem suas atuações, o intelectual não deve ter sentido falta da formação acadêmica específica para a construção de sua carreira. Mais do que isso: havia muitas posições a serem ocupadas no campo intelectual para as quais tal formação não era condição *sine qua non*.

Desta maneira, Neme não seguiu a tendência de sua geração⁸ de intelectuais de possuir alguma formação específica, realizada na nova

⁷ Os embates intelectuais entre os diversos estados da União, como São Paulo e o Distrito Federal/RJ, obviamente remontam a um período bastante anterior ao citado aqui, para tanto uma boa leitura é o artigo de José Murilo de Carvalho, *D. João e as histórias dos Brasil*, no qual o autor aponta, por exemplo, porque o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro só poderia ser pensado numa capital, pois entre suas funções estava a de "valorizar a unidade do país" (2008, p. 560), assim já no século XIX a capital não era a região mais estimada do país devido a seu caráter "agregador" de identidades tão díspares quanto as presentes no Brasil. (Ortiz, 2009).

⁸ Segundo Sirinelli, o termo *geração* compreende a união de um estrato demográfico por meio de um "acontecimento fundador que por isso mesmo adquiriu uma existência autônoma. Por certo, as repercussões do acontecimento fundador não são eternas e referem-se, por definição, à gestação dessa geração e a seus primeiros anos de existência" (2003, p.255).

universidade; pelo contrário, acompanhou a tradição dos antigos intelectuais autodidatas, contudo mantendo o diálogo com o meio universitário.

Vida de jornalista e funcionário público

Uma das atividades características de Neme, enquanto intelectual autodidata era a atuação na imprensa. A carreira jornalística de Mário Neme teve início em 1927, quando assinava como Dr. Salim, no periódico *A Gazeta*. Escreveu também em outros pequenos jornais e participou da criação de novos veículos de comunicação. Em 1936, tendo mudado para a capital do estado, passou a circular em importantes periódicos da época, como: O Correio de São Paulo, Revista de São Paulo, Última Hora e Jornal da Manhã. Acabou por fixar-se como colaborador em O Estado de S. Paulo, assim permanecendo até 1972, por exatos 32 anos de trabalho – o que revela, junto à participação no movimento constitucionalista, alguma afinidade política com certa perspectiva ideológica democrática e liberal.

Ao que parece, a atividade como jornalista não lhe era suficiente para garantir a sobrevivência. Assim, ao chegar em São Paulo, Neme também prestou concurso para a vaga de Escriurário da Câmara Municipal Paulistana. Com o desenrolar do Golpe de 1937, foi requisitado para a Divisão de Documentação Histórica e Social da Prefeitura. Enquanto funcionário desse setor encarregou-se da *Revista do Arquivo Municipal*, bem como do *Boletim Bibliográfico da Biblioteca Municipal de São Paulo*. (ELIAS, 1977/78). "Quando se tratava de ganhar a vida, no entanto, o maior grupo de escritores dependia do que poderia ser chamado de atividade intelectual, que seriam os trabalhos como jornalista, (...) secretários (...)" (DARNTON, 2001, p. 200). Embora essa seja uma afirmação acerca do século XVIII de Darnton, ela permanece fiel ao Brasil do período estudado, no qual, além da escrita, outras funções deveriam ser desempenhadas como *atividades intelectuais* para a subsistência do próprio intelectual. Nesse sentido, destaca-se que Neme sempre atuou como funcionário junto a órgãos ligados à educação e à cultura, suas áreas de interesse.

Quando o intelectual passou a fazer parte da Divisão de Documentação Histórica e Social da Prefeitura, a *Revista do Arquivo Público Municipal* era dirigida

por Mário de Andrade e secretariada por Sérgio Milliet, desde junho de 1935. A revista, criada em 1934 pela Diretoria do Protocolo e Arquivo da Prefeitura, publicava sobretudo artigos de História de São Paulo e do Brasil, tendo surgido para divulgar sobretudo documentos referentes ao período colonial e imperial, pertencentes ao Arquivo Público Municipal de São Paulo. No ano seguinte, ela passou para o novo Departamento de Cultura e Recreação:

Publicam-se então vários artigos sobre a atuação e as pesquisas realizadas pelo Departamento e artigos de intelectuais e professores da Universidade de São Paulo. A partir do 22º volume da revista, em abril de 1936, temos o aparecimento de fotos de monumentos arquitetônicos de todo o país, que deveriam ser preservados, reproduções de gravuras de viajantes, como Rugendas, Debret, além de fotografias de algumas iniciativas do Departamento, como as dos Parques Infantis. (RAFFAINI, 2001, p. 88).

Nas palavras de Paulo Duarte⁹:

“A Revista do Arquivo” está ficando um primor. Dirigida por Mário de Andrade e secretariada por Sérgio Milliet, mudou completamente de feição. Está saindo com uma média de 250 páginas, publica todas as atividades do Departamento de Cultura e de outros Departamentos, metodicamente dividida por assunto. Assim, um capítulo é da Documentação Histórica, outro da Social, outro da Expansão Cultural e assim por diante, sem prejuízo de outras colaborações de qualidade, como dos professores estrangeiros da Universidade... (1976, p. 97).

Após iniciar os trabalhos na revista, Neme permaneceu ligado ao setor de cultura e patrimônio de São Paulo durante toda sua vida, seja no Arquivo Público do Município, na Casa do Bandeirante, na Junta Coordenadora dos Museus Municipais, bem como na participação junto à criação de diversos museus, como o Museu de Arte Contemporânea e o Museu de Arte e Arqueologia da Universidade de São Paulo, que seria renomeado futuramente de Museu de Arqueologia e Etnografia. O intelectual permaneceu como diretor do Museu Paulista, por treze anos.

Mário Neme também escreveu artigos para a *Revista do Arquivo Municipal* (RAM). Tais artigos foram direcionados para a RAM pela Divisão de

⁹ Importante intelectual que colaborou intensamente com a criação do Departamento de Cultura de São Paulo e da Universidade de São Paulo, além de diversos outros espaços de cultura da cidade. Amigo íntimo de Mário Neme e do grupo próximo a ele, entre os anos 1930 e 1960, de que faziam parte Sérgio Buarque de Holanda, Sérgio Milliet, Mário de Andrade, Júlio de Mesquita Filho etc. (MENDES, 1994; DUARTE, 1976).

Documentação Histórica e Social do Departamento de Cultura, da qual ele era funcionário. Geralmente, estes textos tratavam de questões relacionadas à história de sua terra natal, e baseavam-se em seu primeiro livro de história, intitulado: *Piracicaba, documentário*, de 1936. Esses artigos são análises de documentos que evidenciam o crescimento de Piracicaba e suas peculiaridades agrícolas, procurando mostrar a importância da geografia para a compreensão da história da região, e explorando, em perspectiva empírica e detalhista, as fontes primárias e a historiografia produzida sobre o assunto.

Quadro 1 – Publicações de Mário Neme na Revista do Arquivo Público Municipal.

Título do artigo	Ano de publicação	Assunto	Setor
Piracicaba no século XVIII, 55 páginas.	1938	História de Piracicaba	Documentação Histórica
Um município agrícola, 92 páginas.	1939	História agrária de Piracicaba	Documentação Social
Pedro Luís, 41 páginas.	1940	Biografia	Documentação Histórica/Social
Fundação de Piracicaba, 50 páginas.	1940	História de Piracicaba	Documentação Histórica/Social
A acentuação na ortografia simplificada, 42 páginas.	1941	Ortografia brasileira	Expansão Cultural
Linguagem de Mário de Andrade, 07 páginas.	1946	Literatura	

Fonte: Revistas do Arquivo Público Municipal de São Paulo.

Contos, Revistas e Associações

Como um típico intelectual polígrafo, enquanto escrevia textos históricos com a análise de documentos do Arquivo Municipal, Mário Neme também escrevia contos. Estes foram publicados, primeiramente, em dois livros: iniciando com *Donana sofredora*, em 1941, e o segundo, *Mulher que sabe latim...*, em

1944. Posteriormente, parte dos contos foi publicada separadamente, em periódicos da época. Assim, Mário Neme desenvolvia simultaneamente a escrita da história e da literatura.

A escrita de contos favoreceu a circulação do nome de Mário Neme no meio intelectual paulista dos anos 1940. Os textos foram comentados nas principais revistas e jornais de São Paulo pelos principais críticos da cidade, tais como: Mário de Andrade, Sérgio Milliet, Antonio Candido, Edgar Cavalheiro, entre tantos outros. A estratégia de publicar os livros e depois fragmentá-los, publicando os mesmos contos em periódicos, tornou possível um maior acesso a estes, colaborando, para fazer a publicidade dos livros.

Donana Sofredora ajudou a compor a *Coleção Caderno Azul*, da Editora Guaiara, sendo o terceiro título da mesma, que teve por primeiro título *Música no Brasil*, de Mário de Andrade; por segundo, *Psicanálise do Cafuné*, de Roger Bastide; e por quarto título, *Dois Cartas no meu Destino*, de Sérgio Milliet. O jovem contista estreava, portanto, em meio a nomes consagrados, que ocupavam posições estratégicas no campo intelectual. Note-se que a própria coleção era dirigida por Sérgio Milliet, Luís Martins e Plácido e Silva, apresentados como "nomes consagrados nas letras pátrias." Ao que dizia a apresentação dos editores, presente na "orelha" do livro, os "Cadernos Azuis" colecionariam "tudo o que de mais significativo existe na cultura brasileira presente" (NEME, 1941). Em meio a essa proposta, a apresentação referia-se à notoriedade de Mário Neme como jornalista: "livro de estreia do vitorioso intelectual bandeirante, que já impôs seu talento pelas páginas da imprensa" (NEME, 1941).

Quadro 2: Títulos dos Contos do livro Donana Sofredora, de 1941.

Contos do livro <i>Donana Sofredora</i> (1941)
Donana sofredora
Já é tarde, não?
Com curruira perto
E o dr. Moreira sorrindo por cima
Marta Maria enxovalhada
Setembrino com a Lazineira morta
Um covarde soletado e outras sutilezas do espírito
Braço é braço!
<i>Post scriptum</i> da covardia
História de assombração

Fonte: (NEME, 1941).

De caráter claramente autobiográfico, o pequeno livro *Donana Sofredora* é composto de dez contos, divididos em 91 páginas, com ilustrações de Noêmia (Figuras 5 a 8). Todos os contos primavam pelo tom humorístico. Os contos também estabeleciam um fino e delicado diálogo crítico entre a cidade em construção (São Paulo) e o interior do estado. Assim, logo em seus primeiros contos percebe-se a tematização da migração, da cultura e da linguagem do interior. Além dessa tematização, outro fato interessante é que o autor aparece como personagem na maioria de seus contos. Compareciam, neles, também, outros temas relativos ao cotidiano das grandes cidades, mormente relacionados aos migrantes, como a fome, as distâncias físicas que aumentavam, as precárias condições de vida nas pensões etc. Desta maneira, Neme participa da vida da cidade por meio de denúncias, enquanto um *intelectual engajado*, pois está envolvido na "vida da cidade como ator, testemunha e consciência dos fatos" (SIRINELLI, 2003, p. 243).

No primeiro conto, que dá origem ao nome do livro e se passa na cidade de São Paulo, Donana é uma dona de casa que vive às voltas com a preparação do jantar, e as implicâncias da filha com sua maneira popular de falar. Enquanto fica imaginando as preferências do marido para o cardápio da refeição, sua filha fica corrigindo sua fala repleta de "vícios e erros", acusando a mãe de fazê-la passar vergonha frente às demais pessoas. Embora Nicota, a filha, cause sofrimento à mãe, seu grande sofrimento está em pensar no que Chiquinho (o marido) desejaria jantar. Com este episódio, Mário Neme ilustra o preconceito contra o falar interiorano no cotidiano de São Paulo, retratando ainda a maneira coloquial de se expressar.

Com efeito, em *Donana Sofredora* surge com força o enfoque na linguagem ordinária da população, como podemos constatar no trecho que segue do conto que dá nome ao livro:

Donana botou a fatia de pão velho na tigela de leite, foi fazendo carinho com os dedos, depois que estava bem papadinho tirou do leite, passou no ovo batido, despejou na frigideira... Ah! Meu Deus, que eu não sei o que vou fazer... Quéde o açúcar, Nicota?
E depois se lastimando sem fim, ah! Meu Deus, que daqui a pouco já é hora da janta...
- Mas não é janta, mamãe, quantas vezes eu já disse, também! É jantar, jantar! (1941, p. 09).¹⁰

¹⁰ A ortografia dos textos foi atualizada de acordo com as novas regras ortográficas.

É a linguagem falada, como escreveu Mário de Andrade¹¹, que interessava ao autor. Assim, analisando a obra, observa-se que as conjunções e os qualitativos seriam (re)arranjados no modo comum de falar. Neme não pretendia representar uma língua caricata, mas aquela que ouvia e falava, diferentemente da utilizada por outros intelectuais que criavam uma língua caricata para representar o popular em seus contos¹². Estas mesmas preocupações com a linguagem e a cultura estão presentes em seu livro *Estudinbos Brasileiros*¹³ de 1947, também publicado pela editora Guáira, na coleção Caderno Azul, nº 28, e na obra *Mulher que sabe Latim...*

Em *Estudinbos Brasileiros*, publicados inicialmente na revista Planalto, Neme defendeu a existência de uma língua brasileira, separada e distinta da língua portuguesa. Neles, procurou contemplar a complexidade da “língua nacional”, em suas diversas manifestações regionais, as quais defendia com afinco. Revela-se, neles, assim, a sua filiação a uma perspectiva a um só tempo regionalista e nacionalista.

Em *Mulher que sabe latim...*, livro mais robusto que o primeiro, não apenas pela maior quantidade de páginas, mas por seu conteúdo mais crítico. Neme nos leva para a São Paulo da primeira metade do século, em dez contos ambientados na capital, retratando os dilemas da cidade que crescia. Segundo suas próprias palavras, este livro era, "antes de tudo, uma tentativa de estilização da sintaxe popular do Brasil, estilização no sentido de aplicação da sintaxe popular a uma linguagem literária" (NEME, 1944, p. 07).

¹¹ No ano de 1942, Mário de Andrade escreve o texto “Uma estreia”, no qual faz uma análise da obra *Donana Sofredora*, demonstrando particularidades desta.

¹² Diversos debates sobre a linguagem estavam ocorrendo naquele momento, como podemos observar nas edições da Revista Planalto (1941-1942) entre Mário Neme e Mário Donato, bem como na Revista do Brasil (década de 1930 e 1940) com Mário de Andrade, por exemplo. Para os debates acerca da língua e sua escrita no início do século XX, ver o trabalho de Tânia Regina de Luca. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (n)ação*.

¹³ O livro *Estudinbos Brasileiros* está dividido em três partes: Língua do Brasil, Literatura popular do Brasil e Achegas ao Folclore.

Quadro 3: Título dos contos do livro *Mulher que sabe latim...*, de 1944.

Contos do livro <i>Mulher que sabe latim...</i> (1944)
Mula que faz him, mulher que sabe latim
Ensaio sobre a comadre
Cemedocéia e o poder da ficção
Dona Adelaide, como o nome indica
No fundo eu era contra a tradição do "Flor de maio"
Meu filho prócer
Aniceto, a vida desgraçada dele
Dona Marta e aquelas crianças com fome
Pedro Marques, lobishomem inteligente
A mui infeliz senhora Amélia ou Aquela que morreu de amor

Fonte: (NEME, 1944).

Mário Neme possuiu bons interlocutores quando publicou suas obras, entre eles Sérgio Milliet e Mário de Andrade. Ambos escreveram críticas às obras do autor em jornais e revistas, convidando o leitor a conhecê-las. Mário de Andrade, embora destacasse as deficiências do livro, viu também, no autor, grande potencial:

A coleção do “Caderno Azul” teve a ideia excelente de apresentar em livro o contista Mário Neme. Com **Donana Sofredora** (...), apesar de sua importância, estamos diante de um livro tipicamente de estreia. O que não deixa de me agradar. Tenho certa desconfiança dos escritores que estreiam com livros deslumbrantes de realização humana e artística, como se fossem já destinos amadurecidos. No geral essas mocidades se estiolam no fogo vivo dessa primeira brilhação. **Donana Sofredora** está longe de ser um livro admirável, as suas deficiências são grandes, e não raro hesitantes as soluções dadas por Mário Neme aos problemas que topou em caminho. Mas a sinceridade e a coragem com que ele se decidiu diante dos problemas de que estava mais consciente, assim como as qualidades patenteadas no livro, prometem ao artista um futuro capaz de grandeza muita. (1942, p. 52).

Em seu segundo livro, Mário Neme recebeu críticas em que se vê seu reconhecimento como contista já mais consolidado, como se vê nas seguintes palavras de Sérgio Milliet:

Às qualidades de contista de Mário Neme, já me referi várias vezes e o autor as confirma em seu novo livro “*Mulher que sabe latim...*” Entretanto, por muitos aspectos a coletânea atual aparece de maior importância que a primeira, editada na coleção “*Caderno Azul*”, sob o título de “*Donana Sofredora*”. É de maior importância tanto pela língua e pelo estilo como pelas limitações de gênero. (1981-B, p.305).

No *Diário crítico* de Sérgio Milliet, há vários momentos em que nossa personagem surge. Em outro trecho do texto acima, do volume referente às críticas escritas no ano de 1944, não somente há a apresentação do contista, mas também um interessante estudo sobre o objeto de análise dos contos de *Mulher que sabe latim...* acerca dos aspectos psicológicos peculiares aos indivíduos que lá são apresentados, como a sua covardia e pequenez num contexto localizado (São Paulo Capital) que são ressaltados como um dos pontos altos da leitura dos contos.

Os contos de Mário Neme, deliciosos aliás, se ressentem desses limites.¹⁴ Não ultrapassam jamais o nível de uma psicologia peculiar ao meio pequeno-burguês, e não exprimem nunca mais do que os sentimentos e emoções mesquinhos desse meio. Nenhuma grande tragédia, nem tão pouco grande comédia, nasce das personagens miúdas que vivem nos casos pequeninos de seus contos. O que deles ressalta, não com vigor “universal” mas com “graça” quase esotérica, dada a língua em que é dita, é a anedota. Para felicidade do leitor essa anedota surge admiravelmente bem contada, com uma dose discreta de traços caricaturais. Beira o grotesco não raro, mas nele não cai em virtude de certo pudor bem paulista, de certa timidez também, de uma vaga insegurança do autor que o leva a evitar cuidadosamente os pontos cruciais psicológicos, a escapar pela tangente do estilo pelo estilo. (...) A grande novidade desses contos de Mário Neme está em se oporem, exatamente por esse lado pequeno-burguês, a literatura da terra, dos nordestinos, heroica e lírica, ou a da grande burguesia, do Sr. Otavio de Faria, pesada e realística. O gênero tem precursores, alguns de grande fôlego, como Aluísio Azevedo, outros menos importantes, mas todos presos ainda aos preconceitos da língua literária. Mário Neme se liberta desses prejuízos e renova a língua, prosseguindo nas tentativas de Mário de Andrade e Antonio Alcântara Machado. Das duas inovações, de língua e de fundo, tira pequenas obras primas de alcance limitado, mas pequenas obras primas assim mesmo. (1981-B, p.305).

Mário de Andrade, em sua análise de *Donana sofredora*, observara o quão caro era para Neme a observação da covardia em seus contos, afirmando que esta característica deveria ser do próprio autor que, marginalizado, em suas palavras, por ser

Sírio de origem, carregando um rosto abusivamente siriesco, e ainda por cima caipira inveterado, caçoado na sua pronúncia botocuda: mais que nenhum outro escritor seminacional de origem, Mário Neme demonstra ruminar o complexo de afirmação brasileira. Mas se os próprios brasileiros caçoam dele... Mas se ao mesmo tempo o aceitam de braços abertos... (1942, p.55).

¹⁴ “Os sentimentos e a cultura limitam a língua, mas, do mesmo modo, a língua limitada não é instrumento capaz de exprimir sentimentos e cultura limitados” (MILLIET, 1981-B, p.305).

Para nosso crítico, o problema estaria no próprio autor do conto, como um problema de afirmação. Neme enfrentava as piadinhas preconceituosas, escrevendo muito sobre o tema. Um exemplo do tipo de comentário desmerecedor que o intelectual recebia foi lembrado por Antonio Candido, durante a Festa Literária Internacional de Paraty (Flip) de 2011, ao mencionar o comportamento de Oswald de Andrade durante o Segundo Congresso Brasileiro de Escritores, em Belo Horizonte, quando Oswald não foi incluído na delegação paulista de escritores por Mário Neme, tendo passado a chamar este, então presidente da mesma delegação, de *Grão Turco de Piracicaba*, ou seja, o tirano do interior.

Já para Milliet, a questão era a do estabelecimento e amadurecimento do escritor, que livro a livro ele percebia. O crítico acreditava que o problema de abertura de espaços no campo literário para Neme não viria de sua origem libanesa, mas dos debates sobre os regionalismos que estavam a se acirrar, em especial após as críticas a Neme vindas do Rio de Janeiro, posto que "visse nelas alguma hostilidade nascida da influência preponderante de outros regionalismos ansiosos por se imporem também e nortear a nacionalidade" (1981-B, p. 306).

Mário Neme, em resposta a uma crítica de Antonio Candido a *Donana Sofredora*, publicada, ainda em 1941, na revista *Clima* (nº 7 de dezembro de 1941), expôs a seguinte explicação para suas escolhas:

(...) também na própria "mentalidade" das histórias que eu contei, bem dizendo no nível mental do escritor. Se não há ali uma certa sutileza com a qual nos acostumamos por hábito de uma literatura de imagens culturais - nascidas do conhecimento das ciências, das artes, da técnica - e também buscadas por um imperativo que vem desse mesmo conhecimento, da busca dele - é porque a mentalidade do contador dos casos foi forçada no interesse mesmo de uma nova experiência - a descer ao nível mental do homem não intelectualizado, do homem do povo. O que não inclui necessariamente a presença do artista.

O que choca, em "Donana", a vocês todos - e o próprio Mário Neme desprevenido - é essa diferença de nível mental, é a ausência de intelectualismo, são as correlações primárias que o livro contém (NEME, 1942, p. 132).

Na carta acima, publicada na revista *Clima*, assim como em outros textos, publicados tanto em *Clima* como em outra importante revista dos anos

1940, Planalto, Neme explicou seus motivos e convidou seus leitores a pensar a “língua nacional” e o universo do “homem não intelectualizado”.

Aproveitaremos o comentário de Neme publicado na revista *Clima* para abordar sua relação com o periódico, que tem sido bastante comentada e estudada em vários trabalhos acadêmicos, entre os quais se destaca o livro de Heloisa Pontes, *Destinos Mistos*. Neste, a autora explica quem compõe, e como está situado no meio intelectual este grupo de "moços" e "moças" que viriam pouco tempo depois a se tornar importantes críticos em diferentes áreas.

Situados entre os literatos, os modernistas, os jornalistas polígrafos e os cientistas sociais, construíram seu espaço de atuação por meio da crítica, exercida em moldes ensaísticos mas pautada por preocupações e critérios acadêmicos de avaliação. Como críticos, inseriram-se na grande imprensa, nos projetos editoriais, nos empreendimentos culturais mais amplos da cidade de São Paulo. Como intelectuais acadêmicos, profissionalizaram-se na Universidade de São Paulo e formularam um dos mais bem-sucedidos projetos de análise da cultura brasileira. (PONTES, 1998, p. 14).

Mário Neme esteve ligado a este grupo de jovens intelectuais promissores, estabelecendo sempre que possível a ligação destes com os intelectuais já reconhecidos. Segundo entrevista concedida por Antonio Candido (2014), Mário Neme esteve na reunião de fundação da revista *Clima*, quando provavelmente se conheceram. Nessa ocasião, Neme estava junto de Mário de Andrade e Sérgio Milliet, entre outros intelectuais renomados, além de Lourival Gomes Machado (responsável pela ideia da revista) e do jovem Antonio Candido. Este último aponta que Neme logo chamou atenção para os problemas financeiros da revista, e indicou Alexandrino de Almeida Prado Sampaio para tratar de suas finanças. Desta maneira, com sua experiência como secretário da Revista do Arquivo Municipal deste 1938, auxiliando e indicando caminhos, Neme estabeleceu uma boa relação com este grupo de "moços". Com a revista em atividade, Neme publicou nela alguns de seus contos. A atuação do intelectual demonstra seu papel de integração entre os grupos, agindo como um intelectual mediador, entre os velhos e novos intelectuais, ou, nas palavras de Antonio Candido, "Mário Neme teve um papel fundamental de intermediador entre os intelectuais da Faculdade de Filosofia e os intelectuais da cidade"(2014).

Se a revista *Clima* ganhou notoriedade e diversos estudos a seu respeito, o mesmo não aconteceu com a revista *Planalto*. *Planalto - Quinzenário de Cultura* teve seu primeiro número lançado em quinze de maio de 1941. Administrativamente, possuía a seguinte composição:

- Orígenes Lessa - Diretor
 - Wilson Velloso - Secretário
 - Carlos B. Teixeira - Gerente
- Conselho Diretor
- Cassiano Ricardo
 - Menotti del Picchia
 - Oswald de Andrade
 - Sérgio Milliet, entre outros...
- Colaboradores Efetivos
- Almeida Salles
 - Edgar Cavalheiro
 - Edmundo Rossi, entre outros...
- (PLANALTO, 15/05/1941, p. 02).

Com este grupo de renomados intelectuais, todos de fora da universidade, nascia a revista que pretendia integrar grupos e realizar discussões culturais diversas, conforme é possível ler em seu primeiro editorial.

Planalto não tem um sentido regional. Planalto é para nós o símbolo da integração dos homens de S. Paulo no Brasil, construindo o Brasil. (...)

Planalto quer ser apenas uma palavra de colaboração, de compreensão, de fraternidade (...).

Nesta hora amarga do mundo, Planalto, como ser uma palavra de brasilidade, não quer e não pode ser, porém, uma voz exclusivista e fechada. E nisto reflete apenas uma tradição mais de nossa terra. É pensamento que orienta esta publicação levar adiante uma obra de aproximação e de intercâmbio. Com gente de todas as terras, com gente especialmente das Américas.

Planalto

Colunas abertas para esta campanha. Contribuição modesta embora, para essa volta a uma fraternidade que precisa reerguer-se, como condição para a sobrevivência.

Façamos um esforço para acreditar ainda nos destinos do homem.
(PLANALTO, 15/05/1941, p. 02).

Com aproximadamente vinte e dois números, ela circulou nos mesmos anos de *Clima* (1941-1942), mas se distinguiu por ser uma revista gerenciada por antigos intelectuais, enquanto a outra era comandada pelos "moços" da Universidade de São Paulo (USP). Em grande formato (A3) e páginas coloridas, possuía matérias que discutiam a produção intelectual em São Paulo e no Brasil, com textos de repercussão com direito à réplica e tréplica. Mário Neme escreveu muito para esta revista, abordando assuntos como o folclore e a língua nacional, destacando-se, em particular, sua polêmica com Mário Donato, que dele discordava quanto à existência de uma "língua brasileira" distinta da portuguesa.

Assim, Mário Neme gravitava entre um extenso círculo de amigos e desenvolvia muitas atividades diferentes como o jornalismo, a escrita de contos e a escrita de textos históricos, tendo, nesse mesmo período, assumido uma nova função: a secretaria geral da ABDE Seção de São Paulo, dirigida por Sérgio Milliet. Segundo Antonio Candido (2014), o intelectual piracicabano trabalhava diariamente na Associação Brasileira de Escritores (ABDE), saindo do jornal O Estado de São Paulo e lá indo para dar andamento às necessidades de uma associação então recente no estado. Neme concentrava em si todos os contatos, negociações e criações de associações pelo interior decorrentes da nacional. Sua dedicação o tornou reconhecido pelo interior, bem como, na capital. A ABDE lutava por questões específicas relativas à profissionalização e à missão social dos "homens de letras", assim como, travava seu embate político contra o governo Vargas.

A entidade conseguiu realizar alguns importantes encontros: os Congressos Paulistas de Escritores¹⁵ de 1946 e 1952, e o Congresso Internacional de Escritores e Encontros Intelectuais, de 1954. No congresso de 1946, foram discutidos, em particular, os direitos autorais dos escritores, e com isto, nasceu uma Declaração de Princípios (CANDIDO, 1992; 2014) que os reivindicou. Quando a declaração estava pronta e nenhum jornal queria realizar sua divulgação, várias delas foram impressas e distribuídas por São Paulo, e pelo país. Assim, mesmo a contragosto, os jornais foram obrigados a tomar

¹⁵ Sobre o Primeiro Congresso de Escritores, ver: (LIMA, 2010).

conhecimento de seu conteúdo, o que foi lembrado por Antonio Candido como uma grande vitória da ABDE (2014).

Neste período de trabalho na ABDE e no jornal O Estado de S. Paulo, Mário Neme dirigiu o projeto que maior visibilidade lhe deu até nossos dias, a *Plataforma da Nova Geração*. Esta foi uma série de entrevistas para o jornal O Estado de São Paulo, posteriormente transformada em livro, com a então chamada *geração dos moços*. Nessas entrevistas, os jovens intelectuais de então discutiam, em meio ao declínio do Estado Novo, política e cultura, à luz das principais questões do momento. É evidente nas entrevistas a oposição ao Estado Novo, e aos acontecimentos que se desenrolavam na Europa em guerra. Ou como o próprio diretor a define:

Não foi, a rigor, um inocente inquérito, no sentido que essa palavra tem atualmente para os leitores de jornais, mas sim um verdadeiro pronunciamento, uma espécie de definição dos princípios, das ideias e dos pontos de vista pelos quais se batem e se norteiam os moços escritores brasileiros, num momento da História em que quase todos os povos do mundo se batem numa luta decisiva. (...). Convém assinalar, no entanto, antes de mais nada, que esse pronunciamento teve de limitar-se aquilo que os rapazes julgaram dizer então.

Isso, inegavelmente, prejudicou em parte o interesse deste inquérito, cuja condição primeira teria que ser forçosamente a mais irrestrita e até desordenada liberdade de dizer as coisas. Mas o leitor inteligente acabará entendendo a fala de cada um, e no meio de todas elas o que não foi dito, por carência de espaço e outras limitações acidentais (NEME, 1945, p. 07).

Neste célebre pronunciamento de um inquérito, reconhecido pelos contemporâneos como possuindo um tom provocativo, estavam inseridos: Lourival Gomes Machado, Antonio Candido, Heraldo Barbuy, Paulo Emilio Sales Gomes, Rubem Braga, Mário Donato, Ciro Tessara de Pádua, Edmundo Rossi, Otávio de Freitas Jr., Alphonsus de Guimaraens Filho, Jamil Almansur Haddad, Rubem Braga, Mário Schenberg, Edgar Cavalheiro, Arnaldo Pedroso D’Horta, Lauro Escorel Rodrigues de Moraes, João de Araújo Nabuco, Tito Vezio Batini, Fernando Ferreira de Góes, Ernani Silva Bruno, Maria Eugenia Franco, Luiz Saia, Miroel Silveira, Afranio Zuccolotto, José Almiro Rolmes Barbosa, Rui Galvão de Andrada Coelho, Hovanir Alcântara Silveira, Paulo Zingg, e Edgar de Godói da Mata-Machado.

O seguinte trecho da entrevista de Lourival Gomes Machado é um bom exemplo dos dilemas e angústias que permeavam o conjunto dos depoimentos dessa geração, marcada pelas incertezas da guerra e a necessidade de engajamento:

O mundo, para nós que nos espichamos como seres humanos entre as duas guerras, não é simples. Essa complexidade, além de afastar possíveis indiferenças platônicas e preocupações formalistas de parnasianos, nos oferece um tal contingente de dúvidas e de lutas que só não terão existências férteis e sofridas os aleijões da inteligência. Um pouco de normalidade intelectual já garante uma quota formidável de participação nas dores do mundo. (...). Qualquer problema, desde os famosos movimentos sociais que já vem de um século, até as diferenças municipais ou estaduais em matéria de estética, continuam a ser gostosos sacos de gatos. (...).

Se minha geração encontrou o caos de sempre e, muito provavelmente, não passará o bastão em melhores condições, como poderá ficar marcada no meio de tantas gerações? Boa ou má, ela precisa fazer traço (1945, p. 24).

Neme havia solicitado, em suas perguntas gerais, definições e posicionamentos que de forma objetiva os entrevistados não poderiam responder, devido às represálias que talvez recebessem, e ele, obviamente, estava ciente disso. Contudo, vale lembrar que o incitamento gerava tanto a expectativa nos leitores como a busca de soluções pelos entrevistados. Cada intelectual respondeu a seu modo um conjunto de seis itens, que remetiam a um eixo de quatro dúvidas centrais. Esses eixos centrais eram, segundo Neme: primeiro, "se os escritores moços do Brasil de hoje têm ou não consciência dos problemas mais orgânicos da cultura brasileira"; segundo "qual o nível e o clima intelectual em que se colocam suas preocupações mais sérias"; terceiro, qual "a qualidade de sua formação cultural, já universitária, já autodidática"; e por fim, "o que se pode esperar dos moços de hoje no campo da arte, da ciência e das ideias" (1945, p. 08).

O trecho citado anteriormente, de Lourival Gomes Machado, é referente ao primeiro grupo de questões, levantadas, no inquérito, da seguinte forma:

Encontrou a nova geração grandes problemas não solucionados pelas gerações passadas? Esses problemas foram ou são de molde a dificultar e impedir a atividade intelectual da nova geração brasileira? Há qualquer desajustamento entre a produção das gerações passadas e os problemas que atingiram os moços intelectuais de hoje? Qual o papel que incumbe à nova geração em

fase da confusão de valores e das falhas que vem do passado? (p. 08-09).

Deste modo, em tom provocativo, as perguntas foram encaminhadas e as respostas chegaram de maneiras diversas, sendo que as palavras de Antonio Candido se tornaram as mais conhecidas, por seu tom irônico ao dizer que nada poderia ser dito do modo como gostaria, e que, portanto, falaria por alto de algumas questões. Sagazmente, Candido falou muito do que pensava, utilizando como exemplo Drummond:

Um dos sinais mais significativos do período de desorganização social que atravessamos é esta tendência para questionar todo mundo, numa ânsia desesperada de entender a confusão. Num período normal, é claro que você estaria fazendo os seus contos na paz do Senhor, e não nos amolando com essa história de Plataforma. E nós, do nosso lado, jogaríamos na cesta de papel a sua carta-pedido, caso ela viesse.

Mas eis que o tempo é de inquietude e de melancolia; de entusiasmos nervosos que se gastam por nada; de desesperos bruscos que quebram uma vida. E você quer saber o que pensamos de tudo isso! Francamente, preferia que você fosse ler algumas poesias de Carlos Drummond de Andrade; sobretudo umas inéditas. Carlos Drummond de Andrade é um homem da 'outra geração', da tal que você quer que nós julguemos. No entanto, não há moço algum que possua e realize o sentido do momento como ele. Carlos Drummond representa essa coisa invejável que é o amadurecimento paralelo aos fatos; o amadurecimento que significa riqueza progressiva, e não redução palatina a princípios afastados do Tempo. Por isso, Mário, eu acho que tem mais sentido a maturidade de um homem como Drummond do que o verde quase sempre desnorteado e não raro faroleiro de todos nós. (p. 31-32).

Como mencionado anteriormente, o intelectual Drummond foi funcionário público, trabalhando ao lado do ministro Capanema, tendo sido também jornalista, partidário da esquerda política, poeta e crítico da sociedade brasileira exatamente quando estava no Ministério da Educação, encontrando seu caminho pessoal em meio a situações conturbadas, que exigiam sacrifícios e resignações momentâneas. A propósito, Simon Schwartzman (1997) realizou uma interessante análise no papel do intelectual neste período dos anos 1930 a 40:

Os tempos com Capanema devem ter sido difíceis não só pela proximidade do governo Vargas com as ideologias fascistas como também pelo extremo conservadorismo e clericalismo com que Capanema tratava de conduzir seu Ministério. Explicar a presença incomoda de Drummond nesse ministério por simples razões de

amizade ou dizer que sua atuação foi simplesmente burocrática e administrativa é fazer pouco de sua inteligência e de seus valores. Pelo que sabemos, Drummond tratou, naqueles anos, de manter aberto o espaço para o lado mais criativo e moderno do Ministério Capanema e do país, o da cultura, do patrimônio histórico e das artes, e dessa maneira talvez se tenha resignado a assistir impotente ao que ocorria na área da educação. Seu engajamento político nos anos seguintes, junto aos grupos de esquerda, sugere uma busca de expiação daqueles anos difíceis e ambíguos, em troca de um engajamento mais definido e claro. (p.14)

Assim, tomando as palavras de Sirinelli, os *intelectuais* como Drummond, Candido, Lourival, Neme e muitos outros engajaram-se na vida do país, do estado, da cidade como atores, testemunhando através de seus escritos o que se passava em sua conturbada vida social e política. (2003, p. 243). Agiram, por vezes, porém - como Drummond no Ministério Capanema e o próprio Neme, como funcionário público em nível municipal -, no interior das instituições, valendo-se de possibilidades de atuação a que de outra forma não teriam acesso.

Do ponto de vista de sua carreira, o papel central desempenhado por Neme em *Plataforma de uma geração* foi um divisor de águas, propiciando-lhe um grande poder de atuação em meio à *geração* nascente de *intelectuais*, e colocando seu nome em evidência como *intelectual*, entre todos aqueles que tinham interesse no assunto - inclusive a velha *geração* -, além de estender seu já amplo círculo de atuação e relações.

O historiador

A pesquisa histórica e sua escrita foram desde o início da carreira de Mário Neme seu maior interesse. Tanto assim que um de seus primeiros trabalhos é *Piracicaba: documentário*, de 1936. O intelectual inicia suas pesquisas trabalhando na perspectiva da história “tradicional”, mas no desenvolvimento de sua trajetória, com o alargamento de suas leituras e contatos com historiadores, sociólogos, etnólogos e filósofos que realizam estudos dentro de perspectivas contemporâneas em suas áreas, como a Nova História no caso dos historiadores, sua maneira de entender essa disciplina também muda. Exemplo disso é o artigo *A Holanda e a Companhia das Índias Ocidentais no tempo do domínio Holandês no Brasil*, editado em 1968, nos Anais do Museu Paulista, quando o autor

busca dialogar com a história das ideias. Inspiração nascida de suas conversas com Sérgio Buarque de Holanda e João Cruz Costa.

Neste trabalho procuramos examinar, do ponto de vista da história das ideias, o que era a Holanda, ou mais propriamente dizendo as Sete Províncias Unidas dos Países Baixos, na época da fundação da Companhia das Índias Ocidentais; o que era essa Companhia e o que ela representou para a própria Holanda, bem como para os demais países do Ocidente que participavam do comércio colonial. Interessando-nos pelo reexame da história do Brasil Holandês por um prisma ainda não aplicado ao tema, entendemos que tal estudo só teria consistência se precedido de uma análise da estrutura, do caráter e da forma de ação da Companhia Privilegiada das Índias Ocidentais, cometimento que por sua vez pressupunha o estudo das contingências políticas, sociais e econômicas então imperantes nas chamadas Províncias Unidas dos Países Baixos e que iriam determinar o aparecimento daquela Companhia (...) (NEME, 1968, p. 13).

Para a escrita deste trabalho, nosso intelectual teve contato com obras de pesquisadores que eram referência em sua época, bem como na atualidade, tais como: Max Weber, Henri Pirenne, Henri Hauser, Werner Sombart, Paul Hazard, Fernand Braudel, etc. "Já estava pronto este trabalho quando nos chegaram às mãos uma obra de Paul Zumthor, 'A Vida Quotidiana na Holanda no Tempo de Rembrandt'" (...), "e um livro de Arnold Wiznitzer, 'os judeus no Brasil Colonial', (...) dos quais só parcialmente nos pudemos utilizar" (NEME, 1968, p. 15). Com este texto, Neme se lança em uma nova compreensão da história, distanciando-se, em parte, dos estudos de história que havia publicado na RAM e em alguns outros livros.

O livro *Fórmulas políticas no Brasil Holandês*, escrito em 1971, também está, de certa forma, ligado a esse artigo de 1968. Na realidade ambos os trabalhos foram escritos quase concomitantemente, e era desejo de Mário Neme que ambos fossem apresentados no formato de livro, o que não aconteceu por dificuldades financeiras da universidade - a USP era coeditora da coleção *Corpo e Alma do Brasil*, junto com a editora Difel¹⁶. Ambos foram produzidos após viagens a Portugal para pesquisa e grande coleta de material. No entanto, enquanto o primeiro mostra uma ampliação do enfoque do historiador, que passa a enveredar-se pelo caminho da história das ideias, o livro *Fórmulas políticas*

¹⁶A Coleção *Corpo e Alma do Brasil* da DIFEL, com primeira versão em 1936, consolidou-se como uma das melhores coleções de obras de intelectuais sobre o Brasil, do período.

no Brasil Holandês revela sua adesão ainda a uma história política e administrativa de estilo mais tradicional, ligada a polêmicas comuns a historiadores dos institutos históricos, como aquela relativa ao período em que o governo holandês em Pernambuco "equivaleu à inauguração de um regime de liberdade, em confronto naturalmente com a forma que provinha da legislação portuguesa e luso-espanhola em vigor no resto do Brasil" (NEME, 1971, p. 11).

Em seus trabalhos de pesquisa (principalmente nas décadas de 1940, 50 e início de 1960) Neme nunca deixou de referenciar e estudar o interior do estado de São Paulo, tanto que, em 1943, publicou *História da Fundação de Piracicaba*¹⁷, livro que se tornou referência para os estudos da região. A escrita do livro revela a preocupação em evidenciar a história local de maneira tradicional, buscando, nos elementos políticos e administrativos, os subsídios para a escrita da história de Piracicaba. Como é possível ler na abertura do livro:

Este livro é uma tentativa de reconstituição da história de um município paulista, desde o aparecimento de seu primeiro povoador até a criação da vila. Refere-se a um período que vai de 1725 a 1822, e procura ser trabalho sistemático, obedecendo, quanto foi possível, à mais completa seqüência cronológica. Poderia ser classificado como "história sistemática" na falta de expressão melhor, que melhor exprima o que ele tem de contrário ao característico da maioria dos trabalhos desse ramo publicados no Brasil. Trabalhos que são episódicos - "capítulos de história parcelada", no dizer de Paulo Prado. (NEME, 1974, p. 21).

Entre os demais títulos publicados por Mário Neme, encontram-se *Notas de revisão da História de São Paulo*, de 1959, pela editora Anhambi¹⁸, fruto de suas pesquisas para as exposições de comemoração do IV Centenário da Cidade de São Paulo, no recém-criado Parque do Ibirapuera; bem como muitos artigos publicados nos *Anais do Museu Paulista*, dentre os quais tiveram maior repercussão *Notas para uma teoria do comércio colonial Português* (1963); *Dois antigos caminhos de sertanistas de São Paulo* (1969); e *Dados para a história dos índios Caiapó* (1969).

¹⁷ Primeira edição em 1943, editado por João Mendes Fonseca; segunda edição em 1974, edição do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba; terceira edição em 2010, edição da Equilíbrio Editora.

¹⁸ Editora criada por Paulo Duarte, que publicou livros de inúmeros intelectuais, e teve em sua Revista Anhambi, o exemplo material, das querelas assumidas por seu diretor.

É difícil fazer um balanço de uma produção que, se não é imensa (totalizando algo perto de duas dezenas de trabalhos), é, por outro lado, bastante diversificada. Optaremos, aqui, por destacar brevemente algumas questões relativas à metodologia que nela é empregada – embora se verifiquem graus diferentes de adesão à nova historiografia universitária do ponto de vista das *temáticas* abordadas (história das ideias, história dos indígenas, história econômica, história administrativa etc.).

Já nos primeiros livros de história de Mario Neme, a questão da *cientificidade* é apresentada como importante, sendo debatida e argumentada em seus conteúdos, como bem podemos ler na obra *Notas de revisão da História de São Paulo*, já em suas primeiras linhas:

Mas nem só pela ausência de coisas fabulosas este livro é de leitura desagradável. Ele é desagradável também pelo que contém de mais positivo, pela soma de provas e indícios e argumentos e ponderações a que tivemos de recorrer para bem fundamentar nossas dúvidas e conclusões (NEME, 1959, p.11)

Assim ele apresenta ao leitor o texto como obra de pesquisa empírica e acuidade de análise. Continuando, ele afirma:

Fruto de dúvida, ele apresenta como ponto de partida uma atitude de negação em face de postulados aceitos e incorporados como verdades absolutas na literatura histórica brasileira. E se, apesar disso, não deixa de construir – pois como explica muito bem James Thomson Shotwell no seu magnífico ‘Historia de la historia en el mundo antiguo’, a história tem exigido dos que a cultivam mais a negação do que a aceitação – este livro não pretende incluir-se no gênero literário da historiografia tão difundido entre nós; assim é que o leitor não encontrará nele senão uma linguagem simples e direta, sem rodeios, enxuta e desataviada de imagens literárias, de efeitos retóricos, de rasgos de eloquência. E também por isso ele será de leitura desagradável (NEME, 1959, p. 11).

Com este pequeno exemplo, podemos vislumbrar a preocupação de Neme em escrever uma história com “base científica”, aparentemente afim com a *escola metódica*¹⁹, como ele o faz apresentando primeiramente seus métodos de pesquisa e análise para depois deter-se na escrita da história propriamente. Exibe em seus textos amplo índice de fontes e a bibliografia consultada. Cuida sempre

¹⁹ Segundo Bourdê e Martin: “A escola metódica quer impor uma investigação científica afastando qualquer especulação filosófica e visando a objetividade absoluta no domínio da história; pensa atingir os seus fins aplicando técnicas rigorosas respeitantes ao inventário das fontes, à crítica dos documentos, à organização das tarefas na profissão”. (p.97).

em apresentar o material que comprova suas teses – e não apenas quando trata de assuntos polêmicos.

Neme escreveu, portanto, uma história fixada nas bases tradicionais da disciplina, de confrontação e crítica de documentos escritos, separando seu discurso do discurso literário, no que parece acompanhar o célebre manual de Langlois e Seignobos, bem como o resumo realizado por Taunay, em 1914 [1911], publicado na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*.

Ainda sobre este período, Martinez, citando Novais, corrobora nosso pensamento, nos dizendo que "o conhecimento histórico sobre o Brasil era realizado nos moldes de uma historiografia de cunho predominantemente narrativo e descritivo, atenta aos acontecimentos e aos aspectos individuais, factuais, (...) da vida colonial e nacional." No qual, "as fontes primárias gozavam de um estatuto insuspeito de caráter comprobatório, resultando em uma intensa prospecção e edição de documentos históricos." Uma experiência que remontava aos estudos realizados no Museu Paulista e, sobretudo no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. (2002, p. 19).

Neme se aproximava desta tendência, como podemos ler anteriormente, e agora em suas palavras que explicam o seu interesse em escrever uma história de São Paulo.

Não pensamos num 'revisãoismo' gratuito ou iconoclasta, ou simplesmente demagógico, mas numa revisão a realizar-se na base de muita pesquisa, de muita, de exaustiva leitura, de atento exame, por um método de análise e ponderação que diríamos científico naquilo que contém de objetividade, naquilo em que se dissocia de qualquer preocupação de ordem moral. (1959, p. 12).

Quando ocorreu a publicação de *Notas de Revisão da História de São Paulo*, o autor já havia organizado com Agostinho da Silva, Ernani da Silva Bruno e Hélio Damante a exposição de História de São Paulo, para as comemorações do IV Centenário da Cidade de São Paulo (1954), experiência importantíssima devido aos contatos com *intelectuais* e novas fontes de pesquisa (SILVA, 2014). Assim, este livro representa um segundo momento na carreira de seu autor, o momento em que a pesquisa e seus contatos com historiadores tornam-se mais próximos. No ano seguinte a esta publicação, Mário Neme assumiu a direção do

Museu Paulista, momento em que toma a história como principal elemento de suas pesquisas (SILVA, 2014).

Considerações Finais

Assim, compreendemos brevemente a trajetória intelectual de Mário Neme, um "moço" saído de Piracicaba que se tornou intelectual renomado em seu tempo, convivendo com os reconhecidos intelectuais da São Paulo do século XX. Neme construiu sua história de acordo com os antigos padrões dos intelectuais polígrafos que desenvolviam inúmeras funções ao mesmo tempo, a fim de obter um espaço no meio intelectual e reconhecimento, bem como meios de sobrevivência, já que no caso do piracicabano, este não possuía família com poder aquisitivo para "bancar" sua vida na capital. Fazendo parte da transição entre gerações de intelectuais polígrafos e os universitários. Assim, o intelectual lançou-se ao mundo - leia-se a São Paulo, que queria crescer e transformar-se no centro do país - em busca de oportunidades e descobriu funções que executava com maestria, e o quanto uma boa rede de sociabilidade poderia ser útil.

Assim, entender a trajetória intelectual de Mário Neme é perceber, também, as mudanças por que passou o estado de São Paulo e o Brasil, com a formação de uma intelectualidade que trabalhou no serviço público para garantir sua subsistência, mas que, por outro lado, também lutou contra os desmandos políticos desse mesmo Estado; que vivenciou um período no qual o país passava por uma nova configuração das relações campo /cidade, bem como, pelo impacto decorrente do nascimento das primeiras universidades e pelas discussões em torno da proteção de seu patrimônio e acerca da identidade nacional.

Fontes e Referências

Fontes:

ANDRADE, M. Uma estréia. **Revista do Brasil**, São Paulo, n°. 45, p. 52-56, mar. 1942.

CANDIDO, Antonio. Notas a margem de Donana Sofredora. In: **Clima**, n°. 07, ano 01, p. 96-100. dez. 1941.

CANDIDO, Antonio. Entrevista concedida a Tathianni Cristini da Silva, sobre a relação com Mário Neme na década de 1940. São Paulo, 16/04/2014.

CAVALHEIRO, Edgard. Mário Neme. In: CAVALHEIRO, Edgard (seleção e notas). **O conto paulista**. São Paulo/SP: Civilização Brasileira, 1959, p. 265-278. (Panorama do conto brasileiro vol. 03).

CUNHA, Dulce Salles. **Autores contemporâneos brasileiros**. Depoimento de uma época. São Paulo: Ed. Cupolo, 1951.

ELIAS, Maria José. A morte de um liberal: uma louvação tardia. In: **Anais do Museu Paulista**, Tomo XXVIII, São Paulo, 1977/1978, USP, p. 101-117.

LEÃO Filho, J. de Sousa. A Holanda e a Companhia das Índias Ocidentais no tempo do domínio Holandês no Brasil, por Mário Neme. In: **RIHGB**, vol. 291, abr. jun. 1971, p. 285-286.

MILLIET, Sérgio. **Diário Crítico** (1940-1943). Vol. 01, 2ª ed. São Paulo/SP: Martins, Edusp, 1981-A.

MILLIET, Sérgio. **Diário Crítico** (1944). Vol. 02, 2ª ed. São Paulo/SP: Martins, Edusp, 1981-B.

MILLIET, Sérgio. **Diário Crítico** (1946). Vol. 04, 2ª ed. São Paulo/SP: Martins, Edusp, 1981-C.

MILLIET, Sérgio. **Diário Crítico** (1948-1949). Vol. 06, 2ª ed. São Paulo/SP: Martins, Edusp, 1981-D.

MILLIET, Sérgio. **Diário Crítico** (1951). Vol. 08, 2ª ed. São Paulo/SP: Martins, Edusp, 1982-A.

MILLIET, Sérgio. **Diário Crítico** (1955-1956). Vol. 10, 2ª ed. São Paulo/SP: Martins, Edusp, 1982-B.

NEME, Mário. **Donana Sofredora**. Curitiba/PR: Ed. Guaíra Ltda., 1941, 92 págs. (Coleção Caderno Azul, vol. 03).

NEME, Mário. **Mulher que sabe latim**. São Paulo/SP: Ed. Flama, 1944, 158 págs.

NEME, Mário. **Plataforma da Nova Geração** - 29 figuras da intelectualidade brasileira prestam o seu depoimento no inquérito promovido por Mário Neme. Porto Alegre/RS: Ed. Globo, 1945, 293 págs.

NEME, Mário. **Estudinhos brasileiros**. Curitiba/PR: Guairá Ltda., 1947?, 119 págs. (Coleção Caderno Azul, vol. 28).

NEME, Mário. **Piracicaba**: documentário. 1936.

NEME, Mário. **História da fundação de Piracicaba**. Piracicaba/SP: João Mendes Fonseca Ed., 1943, 206 págs.

NEME, Mário. **Notas de revisão da História de São Paulo**: século XVI. São Paulo/SP: Ed. Anhambi, 1959, 396 págs.

NEME, Mário. **Fórmulas políticas no Brasil Holandês**. São Paulo/SP: Difusão Européia do Livro; Edusp, 1971, 271 págs. (Corpo e Alma do Brasil XXXII).

NEME, Mário. O primeiro colonizador de Piracicaba. Separata de: **Revista Investigações**, São Paulo, ano IV, n. 44, ago. 1952.

NEME, Mário. Ensaio sobre a comadre. **Clima**, São Paulo, nº. 02, p. 70-78, jul. 1941.

NEME, Mário. Carta de Mário Neme a Antonio Candido (20/01/1942). **Clima**, São Paulo, nº. 09, p. 131-133. abr. 1942.

NEME, Mário. Mula que faz him. Mulher que sabe latim. **Clima**, São Paulo, nº. 09, p. 79-85. abr. 1942.

NEME, Mário. Dona Adelaide, como o nome indica. **Clima**, São Paulo, nº. 11, p. 75-87. jul./ago. 1942.

NEME, Mário. “Caderno Azul” e outras cores também. **Planalto**, São Paulo, nº. 03, ano 01, p. 06. 15/06/1941.

NEME, Mário. Pra começo de conversa. **Planalto**, São Paulo, nº. 04, ano 01, p. 02. 01/07/1941.

NEME, Mário. Teorismo, realidade e língua brasileira. **Planalto**, São Paulo, nº. 05, ano 01, p. 14. 15/07/1941.

NEME, Mário. Donana Sofredora. **Planalto**, São Paulo, nº. 09, ano 01, p. 07. 15/09/1941.

NEME, Mário. Cururu dos Paulistas. **Planalto**, São Paulo, nº. 15, ano 01, p. 11 e 14. 15/12/1941.

NEME, Mário. Dona Marta e aquelas crianças com fome... **Planalto**, São Paulo, nº. 18, ano 02, p. 03 e 06. 01/02/1942.

NEME, Mário. Anais do Museu Paulista. In: **Anais do Museu Paulista**, Redação, Tomo XV, São Paulo, 1961, p.IX-XI.

NEME, Mário. A Holanda e a Companhia das Índias Ocidentais no tempo do domínio holandês no Brasil. In: **Anais do Museu Paulista**, Tomo XXII, São Paulo, 1968, p. 07-214.

NEME, Mário. Dois antigos caminhos de sertanistas de São Paulo. In: **Anais do Museu Paulista**, Tomo XXIII, São Paulo, 1969, p. 07-100.

NEME, Mário. Dados para a história dos índios Caiapó. In: **Anais do Museu Paulista**, Tomo XXIII, São Paulo, 1969, p. 101-147.

NEME, Mário. Um governador reformista no São Paulo Colonial. In: **Anais do Museu Paulista**, Tomo XXIII, São Paulo, 1970, p. 09-53.

Referências

BOURDÉ, G.; MARTIN, H. **As escolas históricas**. 3ª ed. Portugal: Publicações Europa-América, 2012. (Fórum da História).

CANDIDO, A. **Literatura e sociedade**; estudos de história literária. 10ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2008.

CANDIDO, A. **Teresina etc**. São Paulo: Paz e Terra, 1992. (Clássicos Latino-americanos).

CANDIDO, A. Depoimento sobre Clima. **Discurso**, Rio de Janeiro, nº. 08, p. 183-193, mai. 1978.

DARNTON, R. **O beijo de Lamourette**. Mídia, cultura e revolução. Tradução D. Bottmann. 1ª reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

DIAS, M. O. L. da S. Sérgio Buarque de Holanda na USP. **Revista de Estudos Avançados**, São Paulo, n. 8(22), p. 269-274, 1994.

ELIAS, M. J. **Museu Paulista: memória e história.** 1996. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1996.

HUGHES-WARRINGTON, M. **50 Grandes pensadores da História.** 2º ed. Trad. B. Honorato. São Paulo: Contexto, 2004.

HUGHES-WARRINGTON, M.. **História e literatura.** São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte, MG: Cedeplar-Face-UFMG, 2009. (Estudos, 269).

LAHUERTA, M. **Intelectuais e transição:** entre a política e a profissão. 1999. 274p. Tese (Doutorado em Ciências Políticas) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1999.

LANGLOIS, CH., SEIGNOBOS, CH. **Introdução aos Estudos Históricos.** Tradução L. de A. Morais. São Paulo: Ed. Nova Jurisprudência, 1944.

LIMA, F. V. **O Primeiro Congresso Brasileiro de Escritores:** movimento intelectual contra o Estado Novo (1945). 2010. 229 f. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2010.

LUCA, T. R. de. **A revista do Brasil:** um diagnóstico para a (n)ação. São Paulo: Ed. da UNESP, 1999.

MARTINS, A. L.; LUCA, T. R. (orgs.). **História da imprensa no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2008.

MICELI, S. **Intelectuais à brasileira.** São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

O Estado de São Paulo, São Paulo, 09/09/1956, 1º caderno, p. 12.

ORTIZ, R. **Cultura brasileira & identidade nacional.** 5ª ed. 10ª reimp. São Paulo: Brasiliense, 2009.

PONTES, H. **Destinos mistos.** Os críticos do grupo Clima em São Paulo 1940-1968. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

PFROMM NETO, Samuel. O gigante piracicabano: Mário Neme. In: **Piracicaba de outros tempos.** Campinas/SP: Ed. Átomo, Ed. PNA, 2001, p. 67-73.

PFROMM NETO, Samuel. Erudição, gênio, brilho e audácia: Mário Neme. **Revista do Historiador,** São Paulo, ano XXII, n. 150, p. 10-12, jan./fev. de 2010.

In Memoriam. Mário Neme. In: **Anais do Museu Paulista,** Tomo XXV, São Paulo, 1971-1974, USP, p. 01.

RAFFAINI, P. T. **Esculpindo a cultura na forma do Brasil**. O Departamento de Cultura de São Paulo. (1935-1938). São Paulo: Ed. Humanitas, 2001. (Série Teses).

SCHWARTZMAN, S.; BOMENY; H. M. B.; COSTA, V. M. R. **Tempos de Capanema**. 2ª ed. São Paulo, Rio de Janeiro: Paz e Terra; Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1984.

SILVA, T. C. da. **Um intelectual caipira na cidade: a trajetória de Mário Neme e sua gestão no Museu Paulista**. 2014.406f. Tse (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

SIRINELLI, J. F. Os intelectuais. In: REMOND, R. (org.). **Por uma história política**. 2ª ed. Tradução D. Rocha. Rio de Janeiro: FGV, 2003, p. 231-260.

SOUSA, C. S. O Partido Republicano Paulista e o Partido Constitucionalista nas eleições ao governo Constitucional de São Paulo em 1934: a disputa pelo uso e a interpretação da memória da Revolução de 1932. **Anais do Encontro Regional de História - ANPUH/Rio**, 2010.